



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

DIEGO LIMA SOUSA

“NO MEU INTERIOR NÃO TEM ESSAS ARRUMAÇÕES”: estudantes oriundos de pequenas cidades e suas experiências de sociabilidade em uma cidade de médio porte

Imperatriz-MA

2024

DIEGO LIMA SOUSA

“NO MEU INTERIOR NÃO TEM ESSAS ARRUMAÇÕES”: estudantes oriundos de pequenas cidades e suas experiências de sociabilidade em uma cidade de médio porte

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, campus Imperatriz-MA, como requisito para obtenção do título de licenciado (a) sob orientação do prof. Dr. Wellington da Silva Conceição.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição – UFMA
Orientador

Profa. Dra. Manuela Vieira Blanc - UFES
(Examinadora)

Prof. Dr. Rogerio de Carvalho Veras - UFMA
(Examinador)

Lima Sousa, Diego.

No Meu Interior Não Tem Essas Arrumações : estudantes oriundos de pequenas cidades e suas experiências de sociabilidade em uma cidade de médio porte / Diego Lima Sousa. - 2024.

33 f.

Orientador(a): Wellington da Silva Conceição.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, 2024.

1. Cidade Média. 2. Migrantes. 3. Pessoaalidade. 4. Atitude Blasé. 5. . I. da Silva Conceição, Wellington.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

A estrada até aqui foi marcada por momentos inesquecíveis. Desde a ansiedade de esperar pelo ônibus até a chegada ao destino final, cada viagem foi um passo importante. Lembro-me dos dias em que, ainda criança, observava os estudantes universitários, com seus uniformes estampados com o logo da Universidade, e sonhava com o dia em que também faria parte daquele mundo. Hoje, finalmente, cheguei a mais uma parada nessa jornada acadêmica.

Entrar na universidade foi um ato de transgressão e superação. Minha mãe, Clemilda da Silva Lima, conhecida como “Cleo” pelos mais íntimos, e meu pai, Floriano Pereira de Oliveira Sousa, dedicaram-se incansavelmente para que eu pudesse alcançar o que antes parecia inalcançável para alguém como eu: negro, pobre, filho de uma mulher que trabalhou como faxineira, merendeira e recepcionista, e de um tapeceiro. Cada sacrifício que eles fizeram é hoje uma fonte de motivação para mim, e entre as maiores contribuições que eles deram, está a fé inabalável em um futuro melhor para mim e para meu irmão, Keven Clayton. Não posso deixar de mencionar também meus avós e tios, que foram fundamentais nessa jornada.

Agradeço, em segundo lugar, ao meu orientador Wellington, ou “Well do Rio”, como carinhosamente o chamo. Ele foi mais do que um professor; foi minha inspiração como sociólogo. Sou grato pelas broncas, pelas orientações e por me acolher, mesmo quando dei trabalho. Ele acreditou em mim e no meu potencial como pesquisador, e hoje percebo que minha trajetória acadêmica e minha postura pessoal foram profundamente moldadas pelas nossas muitas conversas e momentos de descontração.

Sou igualmente grato aos meus amigos do ensino médio, Adryan, Hudson, Larissa e Wemylla. Eles me mostraram o quão essencial é ter amigos que te incentivem nos dias mais difíceis.

Agradeço também à Universidade Federal do Maranhão (UFMA) por me abrir as portas e me acolher durante os longos dias de estudo, na rotina acadêmica de produção e nos momentos de descontração. Sou grato aos amigos que fiz nesse processo, especialmente Danton, Paulo Teófilo, Francivan e Otávio, que contribuíram significativamente com seu companheirismo e apoio.

Deixo meu agradecimento aos professores Vanda Pantoja, Francisco

Almada e Edson Costa, pelos conselhos e sorrisos compartilhados ao longo dessa jornada.

Por fim, agradeço a minha Companheira Alyne, que nesse processo cuidou de mim, o que em algumas oportunidades eu deixei de fazer mesmo eu em alguns momentos ausentes, foi compreensiva e a ela eu dedico uma toda minha gratidão.

RESUMO

Esse artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que visou compreender os processos de socialização e de sociabilidades de migrantes de pequenas cidades que mudam para cidades médias – no nosso estudo de caso, o município de Imperatriz-MA. Nos detivemos em investigar esse processo de reinserção em um novo espaço urbano, onde entram em contato valores e formas de agir diferenciados da sua localidade de origem. Se antes lidavam com a personalidade PRADO (1998) como a principal forma de sociabilidade, hoje experimentam também interações marcadas pelo distanciamento, em uma forma de sociabilidade chamada por SIMMEL (2005) de atitude blasé. Tendo essa perspectiva buscamos analisar a construção e adequação deste indivíduo e de suas sociabilidades no contexto da cidade média. Para isso foram desenvolvidas entrevistas abertas, com 5 indivíduos, todos maiores de idade, que migraram dessas cidades de pequeno porte. Esses migrantes são estudantes, em sua maioria universitários, que se mudaram para Imperatriz com o intuito de prosseguir com seus estudos. As entrevistas revelaram que a cidade de Imperatriz lhes parece impessoal em relação a sua experiência anterior (algo que muitas vezes gera um conflito interno e no campo dos valores), e para isso criam núcleos de convivência em quem mantêm um sistema de intensa sociabilidade, muitas vezes interagindo com pessoas da mesma origem (oriundos de pequenas cidades). No entanto, o sistema de impessoalidade pode ser útil para a construção de uma identidade fora dos rígidos controles das suas comunidades de origem.

Palavras-chave: Cidade Média. Migrantes. Pessoaalidade. Atitude blasé.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 IMPERATRIZ: a relevância regional de uma cidade média.....	9
2.1 Quem É Esse Migrante?	11
2.2 Eu Me Mudei Para A Cidade “Grande”	14
2.3 Comportado Sou Na Minha Cidade De Origem	18
2.4 Influência das Relações Familiares nas Cidades Pequenas	24
3 CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXO	32

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, houve um intenso movimento de migração das áreas rurais para os grandes centros urbanos. Segundo Baeninger (1999), observou-se uma intensificação de diversas formas de migração no país entre as décadas de 1950 a 1980, tanto entre regiões do país quanto dentro das cidades dos estados, o que resultou em um aumento significativo do fluxo populacional em várias partes do território nacional. Esse aumento populacional elevado, ocasionou uma redistribuição demográfica que culminou em concentrações populacionais em determinadas áreas. A partir do século XIX, a migração interna no Brasil resultou em um significativo fluxo de pessoas migrando das regiões rurais para os centros urbanos. Esse movimento foi impulsionado pela herança da exploração colonial, através da constante busca por recursos extrativistas e pelas políticas agrárias adotadas, que retiraram os povos originários de suas terras, os deslocando de maneira forçada.

Conforme apontado por Baeninger (2012), a expansão da agroindústria estimulou a desigualdade social ao centralizar a economia nas grandes cidades, fazendo com que a população, estivesse em estado de vulnerabilidade, migrasse para esses grandes centros em busca de melhores condições básicas para sobreviver isso é característico do trânsito migratório.

Atualmente Imperatriz é uma cidade em desenvolvimento, vista como um importante polo de oportunidades para pessoas advindas de cidades pequenas e povoados e também de grandes cidades. Sendo a segunda cidade mais populosa do estado, segundo o último censo realizado pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2022, detém cerca de 270 mil habitantes. Por sua localização geográfica¹ desenvolveu uma importância econômica e centralidade política na região. Passando por grandes mudanças nas últimas cinco décadas, marcadas inclusive por um expressivo aumento populacional conforme os dados apontados por a seguir:

¹ A cidade faz fronteira com regiões do norte do Tocantins e sul do Para.

Evolução da População de Imperatriz-MA 1950/1980				
População	1950	1960	1970	1980
Rural	12.434	30.182	46.013	108.651
Urbana	1.630	8.987	34.709	111.818
Total	14.064	39.169	80.722	220.469
Taxa de Urbanização*	11.59%	22.94%	44.00%	50.72%

Fonte: adaptado de Martins (2012)

Sobre os migrantes que estudamos, sua formação social e hábitos interioranos que entram em conflito ao perceberem uma rotina diferente em Imperatriz, o ritmo que lhes parece acelerado em comparação ao ritmo pacato de sua cidade, para alguns pode até ser benéfico.

No processo de mudança os colaboradores alegam encontrar mais liberdade para desenvolver seu comportamento, pois percebem que o problema principal da proximidade/pessoalidade é a regulação que ela causa. Falam das amarras normalizadoras e tudo aquilo que é dito sobre a pessoa, onde a conduta carrega o nome da família. Conforme aponta Blanc(2016), há a necessidade da manutenção da “carreira moral”, tendo em vista os contextos de sociação desses sujeitos. O receio de exposição muitas vezes causa um sentimento de aprisionamento, visto que aquilo que é dito sobre os entrevistados, reflete sobre a imagem de sua família entre os demais populares de sua cidade de origem.

O artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa já concluída no programa de iniciação científica da UFMA ¹, com bolsa fomentada pela CNPq, o mesmo analisou as representações de pessoas oriundas cidades de pequeno porte de até quinze (15) mil habitantes que migraram para Imperatriz e as maneiras como eles construíam suas formas de sociabilidades em uma cidade média.

Foram ouvidas cinco (5) Pessoas dentre as quais três (3) se identificavam como mulheres e dois (2) como homens. Desses, quatro eram universitários e uma cursava técnico em enfermagem. Somente um (1) dos entrevistados acumulava o curso superior com um emprego de carteira assinada, os demais se dedicavam ao ofício de estudante. Os universitários se mantinham através de

bolsas e auxílios da universidade. Para chegar as representações desses migrantes sobre Imperatriz foram realizadas entrevistas abertas semiestruturadas (feitas a partir dos questionários em anexo) com pessoas oriundas de municípios de pequeno porte. Para estabelecer melhor o recorte, escolhemos aqueles que migraram de cidades com até 15 mil habitantes e que moravam há mais de 1 ano em Imperatriz. Os entrevistados foram identificados através dos nomes de personagens fictícios do livro “O quinze”, de Raquel de Queiroz² para terem sua privacidade preservada.

A metodologia aplicada através do método investigativo por intermédio de entrevistas abertas e aprofundadas realizadas com o gravador de celular, para chegar a esses interlocutores utilizamos a metodologia “bola de neve” (VINUTO, 2014, p.203) em que se foi utilizado os ciclos sociais dos pesquisadores, composto de pessoas que tinham conexões com outras pessoas e assim indicavam possíveis entrevistados que poderiam se enquadrar no perfil da pesquisa. O consentimento dos entrevistados foi formalizado através de termos de consentimento para a utilização da entrevista bem como da publicação dos resultados.

Este artigo explora as percepções dos migrantes em relação à cidade de Imperatriz, compreendendo que estes optam pela mudança inicialmente como um meio de buscar melhores condições de vida. Ele investiga as formas de sociabilidade que esses indivíduos desenvolvem e como classificam e representam a cidade de Imperatriz. Buscou-se também investigar como essas interações modificam seus comportamentos tanto na cidade de origem quanto em Imperatriz, analisando as maneiras como a conduta pode afetar o seu agir como sujeito. Além disso, o estudo procurou compreender as diversas dificuldades enfrentadas por esses migrantes devido à mudança de local.

2 IMPERATRIZ: a Relevância de uma Cidade Média.

A localidade que hoje é conhecida como Imperatriz, inicialmente estabelecida como Colônia de Santa Tereza, teve sua fundação realizada por Frei Manoel Procópio em 1852. A medida que o povoado se expandia, vários fazendeiros oriundos das áreas de Grajaú, Riachão e Carolina estabeleceram-

² O livro escolhido, intitula-se “O Quinze,” e narra a jornada dos retirantes, que, devido à seca no Nordeste, foram forçados a deixar suas casas para sobreviver.

se na região, atraídos pelos recursos naturais disponíveis. Em menos de uma década após a chegada do frade, observou-se um notável aumento de grandes fazendas dedicadas à criação de gado. O êxito econômico de Santa Tereza era atribuído à facilidade de comercialização proporcionada pelo Rio Tocantins (Franklin, 2005).

O processo migratório em direção à cidade de Imperatriz foi impulsionado por medidas governamentais, de acordo com Oliveira (2017, p. 19) facilitaram a urbanização da área, especialmente com a construção da rodovia Belém-Brasília em 1958. Essa infraestrutura promoveu a integração comercial e o fluxo de pessoas de regiões norte e sul do país. Desencadeando uma série de ciclos econômicos entre os quais se destaca o ciclo da madeira na década de 1970. Este ciclo trouxe notoriedade para Imperatriz atraindo uma grande quantidade de migrantes de outras cidades do Maranhão e também de outros estados do país. Esse fenômeno oportunizou dinâmica socioeconômica com demais localidades da região através da infraestrutura viária que impulsionou as atividades econômicas da região.

Segundo Asselin(2009, p.31) havia uma economia pautada no consumo local, mas que através da construção da rodovia Belém-Brasília houve um impulsionamento do agronegócio o que influenciou significativamente os padrões de migração e urbanização da cidade. A expansão das oportunidades comerciais e a visibilidade proporcionada pelo ciclo da madeira foram elementos chave que estimularam o influxo populacional para Imperatriz destacando a interação entre desenvolvimento urbano, atividade econômica e migração.

Imperatriz é marcada pela migração. A história data esse processo ao longo de décadas, esses migrantes tinham distintas intenções, Lima (2005) destaca a busca da terra, aonde as pessoas que viam de outras regiões transitando até chegar à Imperatriz o que segundo ele “representava uma das últimas etapas desse percurso, rumo ao oeste”.

A urbanização da cidade resultou da conjugação das políticas federais para a Amazônia Oriental e das políticas estaduais que desencadearam os processos de ocupação do sudoeste do estado do Maranhão. De acordo com (Lima, 2005, p.7784) dado à dinâmica da ocupação dessa região, a cidade de Imperatriz teve seu crescimento acelerado a partir da década de 1950 e 1960, quando passou a receber um grande contingente de trabalhadores rurais expropriados das suas terras, dos chamados vales férteis do estado do

Maranhão e, dos demais estados do Nordeste brasileiro

Imperatriz Hoje é classificada como uma cidade Média. A distinção entre cidade média e pequena, segundo Vieira(2020), vai além simplesmente da densidade demográfica. Essas cidades revelam dinâmicas próprias, que podem variar em cada estado da federação, mas que costumam centralizar serviços, atrair habitantes e servirem como um “centro” de cidades no seu entorno. Essa importância da sua centralidade pode ser variável conforme características da cidade, desde a sua localização até aspectos relacionados à sua formação histórica.

Para classificar as cidades enquanto média, pequena e grande, se estabelecem critérios de análise baseados em dados do IBGE segundo a sua população. Partindo de outros autores, levamos em conta características vinculadas a relevância e impacto para as cidades vizinhas dessa localidade. Vieira destaca a importância regional na determinação do status de uma cidade como média.

[...] Um dos critérios que podemos destacar seria a relevância regional destas cidades. Neste caso, analisa-se a forma como as cidades interagem e se inter-relacionam com as outras ao seu redor, com suas semelhantes e com as metrópoles. Dessa forma, neste critério é fundamental a compreensão da rede urbana. As cidades médias seriam aquelas que estariam num nível em que o oferecimento de serviços, sua produção, sua capacidade de oferecer empregos, etc influenciam o direcionamento dos fluxos que deixam de se dirigir para as metrópoles, estabelecendo-se como centros intermediários (Vieira, 2020. 137).

2.1 Quem É Esse Migrante?

Entrevistados	Gênero	Idade	Escolaridade	Ocupação	Estado Civil	Cidade de Origem	Tempo em Imperatriz	Bairro que Reside em Imperatriz
Mocinha	Mulher	18	Ensino médio completo	Estudante – Curso técnico em Enfermagem	Solteira	Vila palmares-Gov. Ed.	2 anos e 3 meses	Nova Imperatriz

						Lobão		
Chico Bento	Homem	22	Superior Incompleto	Assalariado (empresa de serviços de internet); Estudante – licenciatura em História.	Casa do	Novo Bacabal- Açailândia	5 anos	Bacuri
Conceição	Mulher	23	Superior incompleto	Estudante – Licenciatura Em História.	Solteira	Cocalin-a-Buritirana	1 ano e 2 meses	Centro
Totonha	Mulher	21	Superior incompleto	Estudante – Licenciatura em Geografia.	Solteira	Vale do Jordão/ Montes Altos	1 ano e 6 meses	Centro
João Galdino	Homem	23	Superior incompleto	Estudante – Licenciatura em Ciências Humanas.	Solteiro	Sagrima-Burititupu	1 ano e 5 meses	Nova Imperatriz

Os perfis de colaboradores desejados para realizar as entrevistas a princípio eram de indivíduos que migraram para Imperatriz, vindos de pequenas cidades. Pensamos inicialmente em um perfil mais amplo de entrevistados, com pessoas que exercessem diferentes ocupações. Todavia, no transcorrer da pesquisa o perfil de estudantes foi o mais encontrado e a pesquisa acabou priorizando esse público. O fato da maioria deles serem estudantes de licenciatura, mais que uma coincidência, é um dado. Em 1994, Cardoso e Sampaio já apontavam que as classes populares buscam preferencialmente as licenciaturas, pois reconhecem nessa uma maior segurança para a aquisição de empregos no setor público ou privado depois da formação. Nossos entrevistados, além de serem originários de pequenas cidades, são maioria

oriundos de famílias de baixa renda.

Os migrantes que vêm até Imperatriz – seja de forma permanente ou transitória - tem diferentes intenções, alguns se estabelecem a princípio com familiares ou amigos da mesma cidade - com quem compartilham de condições e valores parecidos- para fazer moradia, outros vem resolver demandas que em seu município não são possíveis, mas todos enxergam em Imperatriz a oportunidade de ter as suas necessidades atendidas. Os migrantes que colaboraram com essa pesquisa estavam há mais de um ano residindo na cidade, mas, de alguma maneira, tiveram experiências prévias com a localidade, as quais se configuram principalmente visitando parentes e amigos que ali residem ou usufruindo dos serviços oferecidos na cidade.

Outro aspecto significativo reside nas localizações das residências desses colaboradores em Imperatriz. Observou-se que todos residem na área central da cidade ou em bairros próximos. Essa proximidade é apropriada devido a concentração nessa área dos principais comércios e dos órgãos públicos que atendem à demanda pessoal desses indivíduos, como as universidades onde estudam. Tal proximidade auxilia o trânsito entre universidade, casa e locais de lazer, seus principais locais de sociabilidade na cidade. Esse elemento configura o processo de organização das próprias urbes que centraliza seus serviços essenciais e as práticas de lazer nos espaços “nobres” da cidade, como aponta (Oliveira 2017 p.77).

Vale lembrar que na cidade também existem muitos estudantes universitários de pequenas cidades mais próximas, com até 100 km de distância, que não são residentes em Imperatriz. Geralmente, as prefeituras cedem um ônibus para esse fim, que diariamente levam e buscam os alunos nos polos universitários. No entanto, o tempo longo do deslocamento torna-se um desconforto e um gasto de tempo que, muitas vezes, tanto os jovens como os familiares não entendem como produtivo. Há também, por parte daqueles que migram, não só a expectativa de fazer um curso que não existe em sua cidade, mas de encontrar em Imperatriz uma oportunidade de mudança de vida, ou seja, tanto a formação como a estrutura urbana passam a ser percebidos como recursos para uma mobilidade social. Por isso a permanência se torna importante.

Questionado sobre sua mudança para a cidade de Imperatriz, um entrevistado reconhece que na cidade há mais oportunidades formação e

estudos do que no local da qual ele migrou, que é uma das justificativas usadas por esses colaboradores para explicar a mudança de cidade.

Lá a gente só tem uma escola (de ensino básico), na verdade agora tem a escola, quando eu fazia o ensino médio não tinha, era uma escola emprestada pelo município. Às vezes tinha ônibus, às vezes não tinha, aí eu tinha que pegar ônibus, eram seis quilômetros desse lugar que se chamava Cocalinho. Às vezes tinha ônibus, às vezes não tinha, teve um tempo que eram aqueles carros abertos, tipo, Pau de Arara, às vezes a gente tinha que ir a pé, mas era lá em outro bairro, era meio que um bairro da cidade que eu fazia o ensino médio, tanto o ensino médio quanto o fundamental eu fiz lá também (Conceição, fonte própria 2023).

A descrição dos desafios de ensino enfrentados na cidade de Conceição, é uma das principais justificativas para jovens estudantes migrarem para Imperatriz. São dessas regiões que muitos adolescentes vêm para ingressar ou encerrar o ensino médio, tendo em vista os cursinhos preparatórios para vestibulares e o ingresso na universidade, bem como a possibilidade de fazer cursos técnicos de aprimoramento profissional.

A mudança para Imperatriz supre, mesmo que temporariamente, o objetivo educacional desses migrantes, especialmente no que se refere ao ensino superior. Alguns planejam estabelecer-se na cidade devido às oportunidades de emprego e concursos disponíveis. No entanto, outros precisam buscar cidades que ofereçam formação nas áreas de atuação desejadas, incluindo aqueles que almejam seguir carreiras acadêmicas, conforme relatado por um dos colaboradores, ampliando seus horizontes geográficos. Essa variedade de objetivos e necessidades reflete a complexidade das decisões de migração e busca por oportunidades educacionais e profissionais no contexto de Imperatriz

Eu não tenho planos de ir embora a curto prazo. Assim, meus planos é sair dessa cidade e ir para uma cidade maior ainda. Não fazer o caminho retornando a de origem. Porque eu já visitei algumas capitais e lá é muito mais desenvolvido que Imperatriz (Chico Bento, fonte própria, 2023).

Eu quero ir para uma cidade maior sabe... por conta de que eu quero fazer mestrado e doutorado e aqui não tem na minha área, aqui na capital tem o que eu preciso, e mesmo que não conseguisse uma bolsa de estudos, pra trabalho na minha área lá é melhor (Totonha, fonte própria, 2023).

2.2 Eu me Mudei para a Cidade “grande”.

Os entrevistados descrevem Imperatriz como uma "cidade Grande". Essa percepção é influenciada pela reprodução de uma hierarquia dos espaços, que se evidencia ao se depararem com os prédios, espaços, edifícios e outros elementos visuais que alimentam o imaginário e reproduzem expressões linguísticas que caracterizam esse espaço urbano como "maior" e "melhor". Segundo Bourdieu (2008), essa dinâmica decorre de uma hierarquia espacial que se manifesta, entre outros aspectos, no status dos grupos sociais que ocupam o local. Essa hierarquização está intrinsecamente ligada às estruturas que hierarquizam e segregam grupos sociais. A dicotomia entre cidade pequena e cidade grande, seguindo a perspectiva de Bourdieu, é uma hierarquia de espaços que reflete também a hierarquia entre as pessoas que os habitam. Essa questão se torna evidente quando os entrevistados são questionados sobre as diferenças entre Imperatriz e as cidades das quais migraram.

Se há diferença? Acho que quase, praticamente quase tudo. Porque, como eu disse, lá é uma cidade pequena, não tem cinema, não tem shopping, o mercado é pequeno, o trânsito é diferente. E para mim era pior porque eu era do interior, né? E lá é trinta pessoas, então não tinha basicamente nada. (Totonha, fonte própria, 2023).

Quando eu vinha pra cá resolver as coisas com a mãe eu percebia muitas coisas não tinham na minha cidade, a mãe até falava que no interior(onde elas residiam até então) não tinha essas arrumações³ de shopping e tantos bares(Mocinha, fonte Própria 2023)

Essas abordagens de pensamento estão relacionadas à organização social que classifica os espaços em uma hierarquia, onde o urbano é percebido como um território "estabelecido" e em constante "desenvolvimento". Como enfatiza, Noel (2006, p. 67), o urbano é representado como polo do progresso, do desenvolvimento e da cidadania, já o espaço rural o lugar do conservadorismo, do atraso e do atavismo. Nesse contexto, Imperatriz emerge como um ponto de referência para esses migrantes, oferecendo uma variedade de oportunidades e possibilidades para suprir suas necessidades. A valorização atribuída a essa cidade está diretamente ligada à percepção de melhorias e oportunidades que ela pode proporcionar, como emprego, educação, acesso a serviços de saúde e mobilidade.

A questão do transporte lá (refere-se ao povoado em que morava), só

³ essa narrativa foi reestruturada para ser o título desse trabalho. O emprego dessa palavra é um dialeto regional usado para se referir a uma comparação com o local de onde a interlocutora veio.

tinha três vezes na semana e às vezes dia de domingo, que eram alguns moradores que iam para a cidade vender animais, verduras, frutas, essas coisas assim. Já aqui em Imperatriz, se eu quero ir em algum lugar, a qualquer hora eu tenho um aplicativo que me disponibiliza um carro, ou eu posso chamar um táxi, pegar um ônibus, então acho que isso na cidade é mais acessível e lá no interior não é tanto (Mocinha, fonte própria, 2023).

Aqui é um mercado maior. Então você tem mais opções de trabalho. Onde eu morava, os trabalhos estavam limitados a ajudante de pedreiro, vaqueiro, mecânico ou trabalhar em algum comércio. Somente isso. Aqui você tem um leque maior de possibilidades. Indústrias, essas coisas. (Chico Bento fonte própria, 2023)

Parte desses indivíduos veio para a cidade morar com pessoas com quem já mantiveram um contato prévio, seja por laços de parentesco ou amizade. Mas após essa experiência, quatro (4) entrevistados relataram terem buscado meios para morarem sozinhos ou dividindo com outras pessoas, desprendendo-se desse vínculo inicial, que tinha relação com sua origem. Entretanto, nas redes sociais, especialmente o Instagram, ainda há uma preocupação de regulação da sua imagem, já que seus concidadãos do interior podem visualizar suas postagens (e costumam a fazer recorrentemente) e isso interferir sobre sua carreira moral. Além disso, outros aspectos evidenciam-se, como a existência de diversas páginas de fofoca em redes sociais que expõem moradores locais que além de relatar o dia a dia da cidade trazem à tona escândalos, o que ainda assim os coloca em uma limitação de sua sociabilidade.

La na cidade pequena não é igual aqui. As pessoas se preocupam com a vida dos outros, como eu vou me vestir com quem eu estou andando, por isso eu tenho que ser outra pessoa lá, aqui eu tenho mais liberdade, mas também tenho que tomar cuidado muitas pessoas vêm de lá pra cá e tenho medo do que eles podem falar pra minha mãe (Chico Bento, fonte própria, 2023)

Eu mantenho algumas pessoas de lá (cidade de Origem) nas minhas redes sociais, mas só os amigos mais próximos porque eles já sabem quem eu sou de verdade, mas algumas conversas já chegaram nos ouvidos dos meus pais então às vezes eu prefiro evitar. (Totonha, fonte própria, 2023)

Os entrevistados relataram seus principais desafios no processo de mudança para a cidade de Imperatriz: distância da família, dificuldades financeiras, além da dificuldade de relacionar-se com as pessoas da cidade em que passaram a morar.

Sobre a dificuldade financeira, relata uma das nossas interlocutoras:

Normalmente eu não compro as coisas que eu quero comprar, porque

eu tenho que pagar aluguel, energia e comer. Normalmente quando eu compro alguma coisa, tipo, eu quero comprar uma roupa, eu quero um sapato, eu quero alguma coisa para mim, normalmente a minha mãe me dá algum dinheiro, ou o meu namorado. Eu não compro eu mesma, porque o meu dinheiro não dá para fazer. O meu dinheiro dá simplesmente para pagar o aluguel, comida e energia. (Conceição, fonte própria, 2023)

Para pagar a moradia, a maioria dos universitários dependem da ajuda das famílias (quando possível) e de bolsas e auxílio das instituições em que estudam. Os interlocutores relataram a dificuldade de conciliar os valores disponíveis, com despesas básicas do dia a dia e o exercício do lazer. Sua permanência na cidade depende de políticas públicas voltadas para a permanência na universidade.

Observamos através do trabalho de pesquisa que essas pessoas acabam se relacionando de forma mais específica com aquelas que compartilham dessa mesma experiência, ou seja, pessoas que vieram de cidades pequenas. O ciclo de amizades desses migrantes se especializa no âmbito acadêmico onde é possível perceber as relações de proximidade (especialmente com aqueles de origem semelhante) sendo mais difícil o estabelecimento dessa interação mais próxima, por exemplo, com os seus vizinhos. Nesse sentido o aspecto da personalidade se evidencia como elemento de socialização e de melhor adaptação em um local onde observam a impessoalidade como imperante. Essa interação e convívio com outros indivíduos que também vieram de cidades pequenas desenvolve um processo de ressignificação social, que é expresso nas relações de proximidade, elas em sua maioria construídas na universidade.

Que a gente se entende, entende como é o processo, como é difícil vir e deixar tudo lá, vir e ficar sozinho aqui. A família ficar lá e vir para cá, são coisas assim, a gente lembra, as vezes volta pra lá por conta da saudade, né? mas não da cidade nem do povo que vive lá, mas dos amigos e da família (João Galdino, fonte própria, 2023)

Eu encontro muito na universidade, em outros ambientes, não. Porque eu não tenho familiaridade com o vizinho, com outras pessoas, é mais na universidade mesmo, com os colegas. É muito difícil eu sair de casa, porque minha rotina é muito corrida (Chico Bento, fonte própria, 2023).

No meu cotidiano, eu convivo com pessoas mais da universidade, a gente fofoca mais na universidade, sobre pessoas da universidade. Quando eu morava lá, eu convivia com mais pessoas, era um ambiente social maior, eu fofocava com mais pessoas e sobre mais pessoas. (Conceição, fonte própria, 2023).

O espaço adquire memória e conexão emocional, pois sua história é

moldada pelas pessoas que o habitam. O sentimento de pertencimento é fundamental na formação desse espaço, já que é a vivência contínua e as experiências compartilhadas que o transformam em um lugar. Esse lugar é vivenciado diariamente e é nele que são criadas memórias e narrativas, tornando-se um ponto de identificação para aqueles que o frequentam, logo os locais de lazer são frequentados por redes de indivíduos que vivenciam práticas cotidianas e comportamentos que nos ligam a espaços de sociabilidade comuns, tais como bares, conveniências e demais espaços de entretenimento, fazendo com que se torne comum deparar-se com os mesmos indivíduos.

Por conta de ter mais amizades na universidade eu acabo saindo mais com esse pessoal, e eles também tem outros amigos que eu também conheço por porque a gente sempre frequenta os mesmos lugares, o meeting, bar do Gil, casarão. esses lugares que a galera do meu ciclo frequenta, uma pessoa apresenta a outra e se torna fácil ver o pessoal nesses locais. (João Galdino, fonte própria, 2023)

Com isso eles obtém formas comportamentais que são mais vistas nas suas cidades, logo estabelecer vínculos com pessoas de cidades pequenas é como revisitar suas próprias experiências tanto quando morava na cidade pequena ao se deslocar para Imperatriz revelando que as experiências de se estar na cidade e permanecer nela não são particulares, mas envolvem toda uma rede de indivíduos, fazendo com que as amizades cultivadas no espaço da universidade. Principalmente com os iguais, se tornem uma rede de apoio.

2.3 Comportado sou na minha Cidade de Origem

As características da personalidade é um elemento importante na escolha das relações, por isso desenvolvem um ciclo de amizade na universidade preferencialmente com os demais migrantes de pequenos povoados e cidades, contrastando com a realidade do anonimato que eles experimentam com seus vizinhos e demais cidadãos.

A diferença principal que eu posso estar falando é a questão da familiaridade com as pessoas ao meu redor. Na cidade de Médio Porte, acredito que seja Imperatriz, a gente não tem.... Precisando de água, vai comprar ali no Comércio de Fulano. Não, aqui não tem isso. Aqui é um tratamento um pouco mais distante, não é tão próximo como lá. (Chico Bento, fonte própria, 2023)

Como dito pelo entrevistado, os aspectos do anonimato são percebidos na cidade de Imperatriz-MA, e em alguns contextos e para alguns deles, como

um elemento positivo (e até certo ponto) libertador. Isso está intrinsecamente relacionada à busca constante por uma espécie de liberdade por parte desses atores sociais, aspecto que em sua cidade não é comum, pois lá os legados da personalidade são bem enraizados no imaginário comum e designam valores morais que alimentam essa rede de repreensão social. Segundo Blanc (2009), diz que, as classificações morais mutuamente estabelecidas nesses casos incidem sobre a inserção dos atores e são colocadas em movimento por seus agenciamentos. O que define tais quadros, portanto, é o conteúdo do conhecimento mútuo, estabelecido a partir da definição do ajuntamento que o constitui: as reputações ou cadeias de reputação colocadas em movimento pelos atores em presença. O seu caráter público torna tal contexto de sociação ainda mais complexo, pois implica na variabilidade, circulação e dinâmica da composição dos membros em interação. (Blanc 2009, p.3).

Para essas pessoas a migração não tem haver somente com melhoria no que se refere a necessidades básicas ou as suas demandas de formação, mas é também uma espécie de fuga da rede de relações de suas cidades. Uma nova experiência urbana, livre do “inferno da personalidade” (Prado, 1998). Assim como Blanc (2009), identificamos que os estudantes não somente migram de suas cidades com intuito de estudar, mas para ter sua “vida própria”: eles reconhecem que em Imperatriz poderão desenvolver sua vida de maneira livre das repreensões da rede familiar e de sua cidade de origem, assim como observado por Blanc (2009);

Nesta ocasião demonstraram valorizar as experiências na nova cidade de moradia em função do exercício de uma maior autonomia ou quiçá liberdade individual, esse retorno à casa familiar sendo percebido como momento de relativo retrocesso à condição de coabitação com os pais: marcada pela vigilância, pelos horários e pelo exercício da autoridade familiar, mesmo que então fragilizada (Blanc 2009, p. 5).

A migração está estreitamente relacionada a experiência com a urbes, está ligada ao exercício comparativo que exprime características do urbano e rural às cidades, a qual influencia uma série de fatores que tanto valorizam quanto subordinam uma determinada localidade. Logo, os entrevistados relatam que se estabelecer em Imperatriz oportuniza liberdade, enquanto os locais de onde eles vieram é até certo ponto aprisionam.

Nesse sentido, o migrante de cidade pequena percebe as intensas relações de proximidade de maneira a ultrapassar os limites da vida pessoal, existe a pressão social, que desencadeia uma coação do um exercício de uma identidade construída naquele meio social, o que para eles não ocorre em Imperatriz. Esta relação se evidencia através do respeito e da valorização das tradições passadas nas cidades pequenas, o que por sua vez pode exercer uma pressão simbólica sobre os migrantes, imposta por aqueles que preservam os costumes, conferindo repreensões a determinados residentes que fogem do modo de se portar e performar do ethos do interior. A dinâmica apontada por Prado (1998) contribui significativamente para o estabelecimento de um caráter comparativo entre uma localidade e outra considerada mais urbanizada pelos moradores esse comparativo é descrito pela autora em sua pesquisa das experiências de jovens com as cidades de Cunha e Guaratinguetá.

As comparações entre essas áreas levam os moradores a adotarem duas maneiras temporais, através dos discursos de: “das coisas tradicionais que estavam desaparecendo” e a vinculação da “estagnação” (Cunha, p.34). Essas expressões para referenciar a cidade podem ser observadas em dois grupos sociais diferentes: enquanto os jovens apontam “cunha não vai para frente”, afirmando que “aqui não acontece nada” (pensamento vinculado ao desejo de modernização da cidade), os mais velhos narram que “antes era melhor”, promovendo a características passadas, das festas e valores que agora estavam desvalorizadas em comparação a anos atrás. Esses aspectos salientam formas de perceber a cidade. Infere-se comparações entre as cidades e as suas características que estão vinculadas a urbanização de um espaço. A comparação entre Imperatriz e as cidades de origem dos nossos interlocutores é um processo constante também. Assim como Cunha, alguns desses migrantes entendem suas localidades de origem como espaços onde “não há nada pra fazer”. Já Imperatriz, parece ter uma rotina mais interessante para um jovem estudante, conforme relato à seguir:

Eu não gostava de sair lá, eu não tinha muitos amigos, eu basicamente ficava em casa, ia à igreja. Porque basicamente eram esses os locais que eu tinha pra ir lá, as vezes eu dava uma volta na pracinha era difícil, porque eu morava bem no interior, sabe? A única cidade maior que tinha próximo era Buritirana e mesmo assim não tinha tanta coisa pra fazer por lá não tinha muitas opções então eu preferia ficar em casa porque não tinha pra onde ir né? A rotina era muito chata (Conceição, fonte própria, 2023).

Importante ressaltar que, assim como Prado observou em Cunha, essa concepção de que “não há o que fazer” é uma representação que muitas vezes não condiz com a realidade. No interior da parte sul do estado de Maranhão, acontecem festas, vaquejadas, férias agropecuárias, no verão a maioria tem praias (no entorno do Rio Tocantins) e em junho as festas juninas. Mais do que uma realidade objetiva, essa informação sobre as cidades parece fazer parte de um conjunto de representações sobre as pequenas urbes, que acabam por inferioriza-las diante das cidades médias e grandes.

A relação dos interlocutores com as características da personalidade, que aprendem em suas cidades, se manifestam de maneira contrastante em sua experiência na cidade média. Enquanto existe a necessidade de estabelecer relações próximas para o desenvolvimento de vínculos afetivos bem como as relações de confiança - presentes no ato de comprar fiado em comércios, por exemplo, no outro extremo, há uma grande preocupação com a vida dos outros e o estabelecimento das fofocas se torna um elemento de preocupação. Logo quando mudam para uma cidade maior e aderem a novos comportamentos, ainda assim temem pelas falácias na sua cidade de origem, se a pessoa carrega a imagem de sua família nesses espaços o estigma também é inferido a esses terceiros.

Essa dicotomia no modo de se portar perante as impressões do outro revela nuances acerca das dinâmicas sociais, pois trazem as considerações dos sujeitos que compartilham do conhecimento mutuo: no primeiro caso, a proximidade nas relações é valorizada como um meio de fortalecer laços emocionais e sociais, enquanto no segundo, há uma tendência a priorizar a liberdade pessoal sobre os laços interpessoais. Tal relação é expressa por Prado (1988), que aborda a necessidade dos jovens "cunhenses" desprenderem-se das relações de proximidade, pois essa relação de conhecimento e ligação entre os habitantes ultrapassaria o limite de espaço pessoal dos indivíduos, que relatam incômodos para manter suas vidas pessoais. Assim, o anonimato é um fator que segundo os colaboradores de Prado deveria ser respeitado. De acordo com os nossos colaboradores, em Imperatriz eles conseguem experienciar essa desejada impessoalidade e seus efeitos na construção da sua identidade.

Questionada pelo entrevistador acerca da mudança de seu modo de agir a colaboradora respondeu:

Como o modo da minha cidade ser é de um jeito, lá eu basicamente não mostrava eu por inteiro, sabe? Eu não mostrava a minha personalidade por inteiro. Eu não gostava de sair lá, eu não tinha muitos amigos, eu basicamente ficava em casa, ia à igreja. E aqui eu posso ser quem eu realmente sou, né? De verdade é a minha personalidade por inteiro, ela continua... porque lá tem, eu sei que em todo lugar tem preconceitos, discriminação, julgamento, só que lá é muito pior, dez vezes pior, cem vezes pior, sabe? (Conceição, , fonte própria, 2023).

Entrevistador: Mas o que dá sua personalidade, você tem que lá, não poderia demonstrar?

Eu acho que pela questão de eu poder sair para qualquer lugar aqui sem ter medo de mostrar quem eu sou, sem ter medo de fazer as coisas que eu gosto de fazer, tipo beber, fumar, namorar com menino e com menina acho que é isso. Eu acho que lá na minha cidade, as pessoas são mais, são mais retrógradadas, sabe? Muito mais, como eu disse, como elas, como eu, elas também têm medo de serem julgadas. (Conceição, fonte própria, 2023).

De acordo com Blanc (2009) a construção de identidade é desenvolvida pelo sujeito e os agentes que o rodeiam, no que se refere ao contato que esses migrantes têm com o outro. Logo, as construções individuais de identidades têm se fragmentado pelo meio o qual ele vive. O modo de ser das pessoas das cidades pequenas, analisado pela colaboradora como “retrógrado”, evidencia o modo como esses migrantes advindos de cidades pequenas comparam as pessoas e a cidade da qual ela migrou a Imperatriz, remetendo à sua cidade pequena o caráter de antiquada.

Na cidade pequena há forte regulação por parte dos habitantes e dessa forma torna-se mais difícil desprender-se das amarras normativas. Ao se depararem com um “mundo exterior” desenvolvem um processo de individualização que preconiza em um processo de sua autoidentidade. No caso da nossa colaboradora acima citada, a bissexualidade. O padrão Binário⁴ produzido na pequena cidade suscita uma identidade apontada por Butler (2003, p. 37) essas pessoas só são reconhecidas a partir da coerência com a identidade estabelecida na cultura local pelos meios de controle e normatização desses preceitos. Logo Imperatriz é – para essas pessoas - um lugar de transgressão pensando na identidade padronizada do que é ser pessoa na cidade pequena, que segundo Louro (2004, p. 38) os atos desses indivíduos em

⁴ padrão binário entendesse como a divisão tradicional do gênero em duas categorias opostas e mutuamente exclusivas: masculino e feminino.

seu contexto de origem passavam por um processo que ela designa como sendo produto do “sistema de heterossexualidade compulsória e naturalizada”.

Fugir desse padrão o coloca como um indivíduo a margem, que o torna alvo de fofocas e chacotas e o expõe de maneira a causar danos a sua carreira moral perante os demais habitantes da sua cidade, o que certamente prejudica o processo de sociabilidade, seus e de seus familiares. Enquanto em Imperatriz, nos imaginários dos nossos colaboradores, os comportamentos que extrapolam a heterossexualidade compulsória não criam grande sensibilidade social. E por mais que esse tipo de coação comportamental também possa estar presente em Imperatriz, ela fica mais evidente nessas cidades de pequeno porte. Assim, essa cidade média emerge como um “lugar” que vai além de uma mera localização física ou geográfica. Dardel (2011) enfatiza que um lugar é um espaço que adquire significado e importância através das experiências humanas nele vivenciadas, das relações estabelecidas entre as pessoas e o ambiente, e das representações simbólicas que são atribuídas a ele.

Muito mais, como eu disse, como elas, como eu, elas também têm medo de serem julgadas. Eu acho que as pessoas lá são bem na delas, sabe? Vivendo a vida passivamente, é isso. Claro que tem as exceções, mas eu acho que a principal diferença é que lá todo mundo é basicamente igual. E aqui, eu acho que a maioria das pessoas, quando vem para a cidade grande, vem se descobrir, tenta sair da caixinha que é uma cidade pequena. (Conceição, fonte própria, 2023).

Perceber a si mesmo como um construto de um meio é entender as particularidades do lugar experienciado por esses indivíduos. A pessoalidade nas cidades pequenas requer cautela no modo de ser e de apresentar-se ao outro, já o caráter Blasé Simmel (2005) é uma forma de conduta das pessoas de Imperatriz reconhecida entrevistados, isto é, o anonimato, as formas conduzidas por eles das pequenas cidades regulavam as experiências que eram normalizadas e limitadas pelo modo de ser pequeno urbano. Esses migrantes ao chegarem em Imperatriz experienciam uma maior possibilidade de expressão autoidentidade.

Eu acho que estar na cidade pequena tem vantagens e desvantagens, enquanto que lá eu posso comprar fiado e ter mais vínculos com mais pessoas, eu também não posso fazer o que me der na telha. Mas aqui eu posso ser quem eu quiser, as pessoas não (Mocinha, fonte própria, 2023)

Isso também é expresso na caracterização de um padrão estabelecido de

um “bom morador” que segundo Conceição (2021) partindo de uma visão de “normas de decoro” que são desenvolvidas para estigmatizar essas pessoas e alicerçam o controle simbólico dos populares na pequena cidade de Tocantinópolis, nesses locais há remotas possibilidades de fazer algo que vá em desacordo com a conduta exigida sem ser descoberto ou exposto, logo frequentar ambientes em que se possa ser visualizado e estigmatizado são evitados.

Estar em Imperatriz revela a esses colaboradores a possibilidade de experienciar outros espaços de sociabilidade com a garantia do anonimato. A presença em espaços como: locais de fluxo da comunidade LGBTQIAPN+ e bares e baladas, podem levantar questões morais que divergem daquilo que é o modo de ser da pequena cidade, levando em conta a representação dos cidadãos com os elementos associados as marcas que advém dos sujeitos imputados pelo estigma (Goffman, 1980;1981) construído através da aversão as pessoas que desviam do padrão social, a exemplo o caráter heteronormatividade. Logo a proximidade imputa a identidade de alguns sujeitos a maneira de se portar, devido a intensidade das relações, esses sujeitos por vezes, são coercitivamente levados a manter as “máscaras” sociais para que sua “representação” esteja de acordo com o seu “papel social”.

Não, aqui não tem isso. Aqui é um tratamento um pouco mais distante, não é tão próximo como lá. E lá também, pessoas são conhecidas muitas vezes pelo nome dos pais. Ah, o filho do Irmão Nena. Ah, o filho do Sr. João Paulo. Aqui o tratamento não é dessa forma, aqui é um tratamento diferente. A pessoa é tratada pelo nome que ela tem. Lá ela carrega o nome da família ou o nome do pai, principalmente. (Chico Bento, fonte própria, 2023)

2.4 Influência das Relações Familiares nas Cidades Pequenas.

Em um trecho da fala anterior Chico bento descreve sua cidade como um lugar onde as relações entre as pessoas são próximas e familiares. Ele destaca como é comum ser reconhecido pelo nome de parentes, o que demonstra a importância das conexões familiares na comunidade. Essas conexões influenciam diretamente o comportamento das pessoas, desde pequenos gestos, como fazer compras fiado, até situações mais sérias, como lidar com as consequências de ações de parentes próximos, sejam elas positivas ou

negativas.

Essa dinâmica familiar estabelece um padrão de relacionamento baseado na confiança mútua e na troca de favores em que o sujeito é capaz de desenvolver tais relações a partir da confiança que se estabeleceu a priori com outro componente do seu ciclo parental e, portanto, as pessoas confiam umas nas outras e estão dispostas a ajudar, seja emprestando algo tão simples como açúcar para adoçar um café ou até uma compra em um comércio que será quitada posteriormente. Essas relações de confiança que contempla o indivíduo a partir da forma como sua família é vista na cidade, isso é instintivo e ocorre de maneira a priori, e exprime uma das características do estabelecimento da unidade social que Park (2018, p. 30) delimita nas relações de “camaradagem”, atribuída a vizinhança através das relações de compadrio vistas nas cidades pequenas. Essa cultura de familiaridade e cooperação cria uma rede de apoio sólida e fortalece os laços entre os membros da cidade pequena.

Morar em cidades pequenas implica nas relações afetivas de que se estendem para além do espaço físico de uma casa, as relações de confiança se estabelecem em um cerne de validação social que estes indivíduos estão cercados, isso é para além das fronteiras limitantes dos muros e das cercas que dividem e dificultam as interações sociais entre os indivíduos. Segundo Lima (2005) os quintais nesses locais (normalmente dividido por cercas) mantêm unidos vizinhos. Esses por muitas vezes mantêm relações de familiaridade que os permitem atravessar a fronteira do cercado que por sua vez serve como uma extensão para o deslocamento de uma casa para a outra. Isso nessas localidades é de suma importância para manter o elo entre essas pessoas. Park(2018), aponta a relevância de se estabelecer relações de proximidade com esses vizinhos:

A vizinhança. — Proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida citadina. Interesses e associações locais desenvolvem sentimento local e, sob um sistema que faz da residência a base da participação no Governo, a vizinhança passa a ser a base do controle político. Na organização social e política da cidade, é ela a menor unidade local. (PARK,2018, p.30)

Já em comparação com Imperatriz, os interlocutores relatam que estar na cidade de Imperatriz significa a perda dessas relações. Todavia é interessante marcar territorialmente onde ocorre essa relação de perda da pessoalidade.

todos os colaboradores residem em regiões próximas ao centro onde o ritmo acelerado impossibilita a maior interação com as pessoas mais próximas geograficamente falando.

Tal fenômeno desencadeia em um processo de sensação de anonimato e a necessidade de estreitar laços através da pessoalidade, o que se tornou difícil para esses interlocutores realizarem com os seus vizinhos. Mas essa produção da pessoalidade fica evidenciada em seus ciclos sociais, principalmente na universidade, oportunizado por pessoas que compartilham da vivência de sair de uma cidade pequena e vir para uma cidade média.

CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, exploramos as percepções de migrantes vindos de cidades pequenas. Assim, chegamos ao perfil de estudantes e buscamos analisar as formas de sociabilidade em Imperatriz através de suas atividades de estudo, moradia, lazer e entretenimento. Surgem, então, comparações entre suas cidades de origem e o novo ambiente. Prezou-se compreender como avaliam as diferentes formas de sociabilidade encontradas em cidades de médio porte. Os migrantes frequentemente atribuem a Imperatriz um caráter de anonimato, típico das grandes cidades.

Esse aspecto comparativo é influenciado pelas experiências anteriores de lidar com demandas que, em suas cidades de origem, não eram possíveis de serem resolvidas. Em Imperatriz, entretanto, era mais acessível atender tais necessidades. O perfil dos interlocutores universitários foi priorizado no percurso da pesquisa, o que evidenciou uma das motivações da vinda desses entrevistados a Imperatriz: um local estratégico para seu desenvolvimento profissional, haja vista, que ingresso no ensino superior é possibilitado na cidade e, mesmo que temporariamente, morar em Imperatriz supre a sua necessidade educacional. Outrossim, a mudança para Imperatriz faz com que essas pessoas reproduzam seus modos comportamentais na cidade, combinando elementos urbanos e rurais nas representações dos comportamentos dos habitantes.

É evidente em Imperatriz a presença de indivíduos oriundos de várias regiões do Brasil, que se originaram em processos históricos de migração, alguns em intensa migração até a chegada na cidade. Ao migrarem, as particularidades das pequenas cidades são reconduzidas para Imperatriz.

Todavia, suas expressões são restringidas a ciclos sociais que remetem à vida anterior. Logo, as relações de proximidade, que vão desde pedir algo emprestado a um vizinho até passar horas conversando na porta de casa, são ausentes em determinados espaços de vivência desses colaboradores. Ao se depararem com um ritmo de interação diferente em Imperatriz, muitos percebem uma atitude de indiferença, caracterizando-a como uma manifestação do que Simmel (2005) denominou "atitude blasé". Este choque inicial leva os migrantes a manterem relações com pessoas que compartilham experiências semelhantes, ou seja, outros migrantes de cidades pequenas. Esse processo de compreensão mútua é fundamental para que se reconheçam como sujeitos e alcancem melhores condições de adaptação na cidade de Imperatriz, considerando também os desafios impostos pelo ritmo mais acelerado da vida urbana. As redes de apoio desenvolvidas por esses estudantes atuam de maneira a reproduzir formas de ser Pequeno urbano em Imperatriz, através da fofoca com seu ciclo de amizade, bem como nos espaços de sociabilidade desses migrantes.

Além disso, Imperatriz também se revela um espaço de transgressão e ruptura, proporcionando um certo anonimato que permite aos indivíduos exercerem liberdade e fazerem escolhas individuais. Em suas experiências anteriores, essas escolhas eram reguladas pela relação que estabelecia as fofocas de acordo com Elias(2000, p.35) advém uma representação que estigmatiza esses sujeitos , especialmente quando a fofoca carrega elementos depreciativos. Logo, espaços em as pessoas cuidavam da vida uma da outra, as representações de si, se tornam limitantes, levando em consideração a monopolização do poder a um grupo, estes produzem mecanismos de marginalização do outro. As relações de proximidade limitam as maneiras de agir, pela relação em que todo mundo conhece todo mundo, estabelecendo interações que normatizam os comportamentos sociais. Logo, estar nesses locais requer adequar-se ao comportamento do "bom morador". Este fenômeno se manifesta claramente nas atividades de lazer dos jovens entrevistados, que agora se sentem mais à vontade frequentando ambientes considerados promíscuos, como bares e motéis, e até mesmo no processo de autoidentificação.

Esse estudo trouxe uma perspectiva de contribuição sobre as formas de sociabilidade presentes na cidade de Imperatriz, bem como uma compreensão

de como as relações de proximidade e anonimato moldam a vida de migrantes oriundos de pequenas cidades. Assim, entende-se também a perspectiva acerca de como a personalidade pode agradar ou incomodar esses migrantes. Essas experiências de vivenciar a personalidade se apresentam nas vidas dessa população, enquanto a forma de conduta do anonimato se expressa na rotina da cidade de Imperatriz e na possibilidade de novas formas de sociabilidade. A possibilidade de ter uma personalidade com determinados indivíduos, através do estreitamento de laços que remetem a um sentimento de comum pertencimento, surge nas relações de proximidade com núcleos de pessoas que compartilham a experiência da migração de cidades pequenas para Imperatriz. Assim, a cidade emerge como uma característica primordial para se entender essa relação das formas de conduta de Imperatriz, onde personalidade e anonimato são significados a partir das sociações desses migrantes.

Além disso, é importante salientar que este estudo representa uma análise que leva em conta as representações de migrantes com perfis específicos de vivências e espaços específicos da cidade, não tendo por narrativa a generalização do discurso a todos os espaços e sujeitos da cidade. Há a possibilidade de um aprofundamento explorando outras perspectivas.

REFERÊNCIAS

ASSELIN, V. (2009). **Grilagem: corrupção e violência em terras do Carajás**. 1a ed. Petrópolis: Ética Editora.

BAENINGER, R. Região, **Metrópole e Interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes** – Brasil, 1980-1996. 1999. 234 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____, Fases e faces da migração em São Paulo. Campinas: Núcleo de Estudos de População – **Nepo/Unicamp**, 2012. 146p.

BOURDIEU, P. Efeitos de lugar. In: **A miséria do mundo**, pp. 159-166. Petrópolis: Vozes, 2008.

BLANC, Manuela Vieira. **O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____, Para além das suas fronteiras: personalidade, conduta pública e trajetórias pequeno-urbanas. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**,

v.15, n. 45, p. 78-88, dezembro de 2016.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Ruth ; SAMPAIO, Helena. Os estudantes universitários e o trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 9, n. 26, p. 30-65, out. 1994

CUNHA, J. M. P. DA. Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para análise. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 3–20, out. 2005.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva; LEITE, Watilla Cirqueira; RÉGIS, Eva Pereira. Entre “malas” e “gatos velhos”: organização espacial/residencial e representações morais em uma pequena cidade da Amazônia brasileira. *Amazônica - Revista de Antropologia*, p. 567-592, fev. 2021.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

DOTA, E. M.; QUEIROZ, S. N. DE. **Migração interna em tempos de crise no Brasil**. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 21, n. 2, p. 415–430, maio 2019.

ELIAS, N. ; SCOTSON J. L. **Estabelecidos & outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____, **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LIMA, R. M. **Espaços Urbanos e Rurais na cidade: Um estudo sobre os trabalhadores rurais em Imperatriz no Estado do Maranhão**. In: X ENCONTRO DE GEOGRÁFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo - SP. Por uma Geografia Latino Americana: Do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade. São Paulo-SP: SBD/FFLCH/USP, 2005. v. 01. p. 85-96.

LOURO, Guacira Lopes. **Ensaio sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Francisco Robson Saraiva; SANTOS, Moacir José dos. ASPECTOS HISTÓRICOS DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL DE IMPERATRIZ-MA. In: **VII Encontro de Iniciação Científica, XIII Mostra de Pós-graduação, VII Seminário de Extensão, IV Seminário de Docência Universitária: INCLUSÃO VERDE: Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento**

Sustentável. Universidade de Taubaté, 2012.

NOEL, Gabriel. D. 2016. Las ciudades invisibles: algunas lecciones teóricas y metodológicas surgidas del abordaje de aglomeraciones medianas y pequeñas en el límite de un Hiterland metropolitano. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção** ,pp. 66-77, 2016.

OLIVEIRA, Helbaneth Macêdo. "**Verticalização Urbana E Segregação Socioespacial Em Imperatriz-MA: Uma Abordagem a Partir Dos Bairros Jardim Três Poderes E Maranhão Novo.**" 2017.

ORENCIO Figueredo, Luiz Zanelatto, João Henrique. "Trajetória de migrações no Brasil." **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, vol. 39, núm. 1, janeiro-abril, 2017, pp. 77-79.

PONTES, W. J. Redes de apoio, intensa pessoalidade e sentimento de pertença na construção de uma cultura emotiva: uma análise da Comunidade do Timbó (João Pessoa-PB). **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 55, p. 189-212. 2020.

PARK, Robert E. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano.** In: VALLADARES, L. P. A sociologia urbana de Robert E. Park. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018

PRADO, Rosane. Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. **Cadernos de antropologia e imagem**, n. 4, Rio de Janeiro, pp. 31-56, 1998.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Tematicas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 01 ago. 2024.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, Ed. Treze, 1971

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. **MANA**, 11(2), p.577-591, 2005.

VIEIRA, A. B.; ROMA, C. M.; MIYAZAKI, V. K. CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS: UMA LEITURA GEOGRÁFICA. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 29, p. 135–156, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7415>. Acesso em: 5 fevereiro. 2024.

Anexo**Questionário/roteiro para as entrevistas****Dados pessoais**

Nome:

Idade:

Sexo:

Profissão:

Bairro em que mora:

Cidade e bairro em que residia:

Quantos anos mora em Imperatriz:

Escolaridade:

Mudou para cá sozinho? Estado civil:

Perguntas:

1. Quais as razões que te motivaram a mudar de cidade? Por que escolheu a Imperatriz?
2. Quais as principais diferenças e semelhanças entre a sua cidade de origem e a cidade de Imperatriz?
3. Quais as principais diferenças que você percebe entre as pessoas de Imperatriz e as pessoas da sua cidade de origem?
4. Quais os locais que você mais frequenta em Imperatriz? Por quê?
5. Você acha que a cidade de imperatriz é capaz de suprir os seus objetivos de vida? Explique
6. Você trabalha em regime CLT? Ou recebe bolsas da universidade? Se sim, como você consegue aliar suas despesas com o valor recebido.
7. Você acha que a demanda necessária para se viver numa cidade pequena é diferente da média?

8. Como é constituído seu ciclo de amizades em Imperatriz?
9. E suas relações com as pessoas da sua cidade anterior você ainda as mantém? Como acontece esse processo de comunicação?
10. O comportamento das pessoas da cidade média mediante a situações (episódios de violências, situações constrangedoras...) que envolvam terceiros é o mesmo das pessoas da sua cidade? Explique.
11. Você considera que a velocidade da vida cotidiana na cidade de Imperatriz é diferente da qual você tinha anteriormente? Em que sentido?